

## Feitiço das Palavras – a arte dos pontos de jongo

Paulo Dias<sup>1</sup>

“Os escravos não podiam comunicar com ninguém, eles não tinham liberdade. Então, quando eles entravam na senzala é que eles iam participar um com o outro. Então, no meio eles faziam a roda de Jongo e, ali, cada um cantava o Jongo falando que queria falar, pela canção. Daí, um entendia o que tinha que ser feito. Às vezes o que se passou no dia, o que ia acontecer. Então, um já avisava o outro. E, era por meio de ponto de Jongo que era comunicado as coisas”. (Maria José Martins de Oliveira, a Dona Zé, jogueira do Bairro Tamandaré, em Guaratinguetá).

Cercados de segredo e misticismo, os pontos de Jongo dos primeiros tempos podiam ser mensagens cifradas que escravos trocavam entre si, de modo a não serem compreendidos pelo branco. Através dessa cantoria, à qual se juntavam os tambores e a dança, a comunidade jogueira, desde os tempos do cativo até hoje, põe seus assuntos em dia. O *ponto*, forma poética e musical do Jongo, pode ter diferentes funções. Através do ponto, louvam-se jogueiros vivos e mortos, pede-se licença aos ancestrais e entidades espirituais para abrir ou fechar a roda, entrar ou sair dela. Faz-se também a crônica da comunidade, falando-se sobre os seus fatos cotidianos, suas mazelas e revoltas, seus personagens, muitas vezes com humor e irreverência. Há também o momento do desafio entre jogueiros, cada um buscando firmar seu prestígio junto ao grupo: é a demanda ou goromenta, que outrora dominava amplamente as rodas do Jongo e hoje torna-se cada vez mais rara. Os jogueiros lançam-se mutuamente versos enigmáticos que devem ser decifrados, sob pena de se ficar *amarrado* – paralisado pelo poder misterioso das palavras. A linguagem figurada do Jongo e o desafio através de enigmas relacionam-se com práticas africanas como o uso constante de provérbios e metáforas – que representam a palavra dos ancestrais – assim como os desafios em que se lançam enigmas, como foi registrado entre os povos bantus Tonga e N’gola. Outro traço do pensamento tradicional africano presente no Jongo é a idéia de que a palavra proferida com intenção, e ritmada pelos tambores, põe em movimento forças latentes do mundo espiritual, fazendo acontecer coisas. Conta-se que os pontos dos jogueiros de outrora tinham o poder de fazer crescer bananeiras nos quintais. São as mirongas, os segredos dos jogueiros *cumba* – feiticeiros da palavra.

O Jongo mais antigo era palco de disputas sérias. Para cantar era preciso saber preparar-se espiritualmente, saber *entrar* e *sair* ritualmente do Jongo através de pontos específicos. Era preciso dominar um grande número de expressões p\figuradas e seu

valor simbólico oculto – por exemplo, cada uma das partes do carro de boi. Coisas que muitas vezes já não fazem parte da experiência dos jongueiros de agora. Desse intrincado saber fazia parte o conhecimento correto das regras do *alinhamento*, da *amarração* e do *desate*, ou seja, como encadear seu ponto com o precedente, como formular o enigma e como decifrá-lo. Em suma, os jongueiros só tinham condição de produzir-se nas rodas quando atingiam uma certa idade, e um considerável cabedal de conhecimentos, geralmente transmitidos pelo pai.

“Deixa cantar o bem-te-vi  
Deixa cantar o bem-te-vi  
Bem-te-vi canta cedinho  
A tarde toda quem canta é a juriti”

- canta o Jefinho, jovem jongueiro do Bairro do Tamandaré. Como todo ponto de Jongo, este trabalha com imagens metafóricas tomadas principalmente do contexto rural em que vivem, ou viviam os depositários dessa tradição valeparaibana que nasceu nas senzalas das fazendas de café, e projeta raízes profundas na África Bantú. Pássaros, a natureza, o gado, o carro de boi são a matéria-prima do jongueiro. Bem-te-vi é o pássaro que, de manhãzinha ou após as chuvas, saúda com seu canto buliçoso e juvenil os primeiros raios do sol. Juriti é a ave do entardecer, cujo cantar dolente chora saudade da luz do dia. Bem-te-vi é o jongueiro novo, que pede licença ao mais velho, juriti, para ocupar um lugar na roda do Jongo, vetada à participação de mulheres e crianças até um passado não tão remoto.

O jongo antigo era privilégio absoluto das juritis, em detrimento dos bem-te-vis que esvoaçavam em torno da roda, procurando um galho onde pousar. Atento a esse fato, Jefinho talhou seu ponto, e através dele conseguiu ingressar nas rodas. O tempo passou, e as coisas mudaram. Nas grandes e animadas festas juninas do Bairro Tamandaré, o Jongo é de todos. “O Jongo hoje é um clube”, definiu certa vez um jovem participante. Aliás, são justamente as mulheres, antes afastadas das rodas da confraria jongueira exclusivamente masculina, que atualmente tomam conta do jongo: Tia Fia, cuja casa é ponto de encontro e onde tem lugar a reza que inicia a festa, sua irmã Dona Mazé, jongueira respeitadíssima como uma das maiores herdeiras da tradição, e Araci, cantora de voz potente. A elas junta-se Dona Tó, autora de pontos belíssimos, e o entusiasmo de seus filhos Pelé, Vera e Fatinha. E os muitos filhos e netos delas todas, a criançada, hoje já podem dançar o Jongo. É só assim que se mantêm a dança, a cantoria, os toques de tambor e todo o contexto ritual em que evolui o evento, que se veste de novos significados.

---

<sup>1</sup> Músico e pesquisador da Associação Cultural Cachuêra!.

Nos tempos da demanda, os jongueiros davam *cachuera* a cada dois minutos, parando os tambores e a dança para responder ao desafiante, no afã de encarniçada disputa por primazia. Assim, aqueles participantes que desejavam apenas dançar saíam prejudicados pelas constantes interrupções. No Tamandaré preferem-se hoje os pontos de *visaria*, mais amenos e jocosos, “para dançar”, repetidos indefinidamente pra que o povo se divirta.

Quanto à demanda, seus pontos são hoje temidos quando cantados na roda, pois poucos ainda conhecem o seu significado, e a maioria tem medo de não poder se defender de seu poder místico. Ademais, a demanda pode também significar “briga”. Infelizmente, junto com essa prática, a arte e o engenho de se manter dentro do assunto através de linguagem figurada, a destreza de responder ao ponto que foi cantado, são saberes jongueiros que vão se perdendo. Surgem os pontos compostos previamente, e não improvisados no repente, no calor dos acontecimentos. Se todas essas modificações são importantes na evolução do Jongo, também é vital despertar o interesse dos mais jovens pelas formas tradicionais de cantoria, defendidas ainda no Tamandaré por jongueiros mais experientes como Togo, Zé Carlos e Totonho, que encontram pouco espaço para praticar seus desafios tradicionais. Se no passado os jongueiros empenhavam-se em manter o segredo dos seus pontos, sendo esse mesmo segredo a fonte de seu poder, hoje os poucos que conhecem a linguagem jongueira manifestam a vontade de ter mais interlocutores na roda. Para isso, é fundamental que os jovens jongueiros vençam o receio e se aproximem destes mais-velhos, e que estes se disponham a ensinar. Revelar aquilo que possa ser revelado, para que se mantenha a grande arte dos pontos de Jongo.

E o mesmo jovem jongueiro Jefinho aponta para importância em se ligarem firmemente os elos do passado, do presente e do futuro:

“Saravá jongueiro velho  
Que veio pra ensinar  
Que Deus dê proteção pra jongueiro novo  
Pro Jongo nunca acabar”